

TERCEIRO ATO

---

*A cena representa uma sala do castelo, chamada sala do trono, e que serve de sala de audiências, que tem de um lado um dossel imperial e acima um retrato do rei.*

CENA I

[O Conde, Pedrito de colete e botas tendo na mão um pacote lacrado.]

O CONDE [Rápido.] – Você compreendeu bem?

PEDRITO – Sim, excelência. [Sai.]

CENA II

[O Conde sozinho.]

O CONDE [Grita.] – Pedrito!

## CENA III

[*O Conde e Pedrito.*]

PEDRITO [*Voltando.*] – Excelência?

O CONDE – Ninguém o viu?

PEDRITO – Ninguém.

O CONDE – Vai no cavalo árabe.

PEDRITO – Ele está junto às grades da horta, selado.

O CONDE – Vai de um fôlego só até Sevilha.

PEDRITO – São só três léguas de estrada boa.

O CONDE – Ao desmontar, informe-se se o pajem está lá.

PEDRITO – No hotel?

O CONDE – É. E sobretudo há quanto tempo.

PEDRITO – Compreendo.

O CONDE – Entregue-lhe a patente e volte.

PEDRITO – E se ele não estiver lá?

O CONDE – Volte ainda mais rápido e conte-me tudo. Vá.

## CENA IV

[*O Conde sozinho caminha pensando.*]

O CONDE – Eu fiz uma asneira afastando Basílio! Ficar com raiva nunca traz nenhum proveito. O bilhete que ele me entregou, prevenindo da tentativa com a Condessa; a camareira trancada quando cheguei e a patroa acometida de um terror falso ou verdadeiro; um homem que salta pela janela, e um outro que confessa tê-lo feito... ou que finge ser ele... não encontro o fio da meada. Há qualquer coisa muito esquisita nisso... que haja certas liberdades entre os meus vassallos, vá lá; que me importa gente desse tipo? Mas a Condessa! Se algum insolente tentasse... onde foi que eu me per-

di? Não há dúvida de que quando se perde a cabeça, a mais bem controlada das imaginações se transforma na loucura de um sonho! Ela estava brincando; aqueles risos contidos, aquela alegria mal disfarçada! Ela se respeita; e a minha honra... onde será que foi parar? Por outro lado onde estou eu? Será que aquela esper-talhana da Susana revelou meu segredo?... Sim, por-que ele ainda não é dela! Mas o que será que me pren-de a essa fantasia? Já tentei vinte vezes renunciar a ela... Que estranho efeito tem a irresolução! Se eu a desejasse sem hesitação, eu a desceria mil vezes me-nos! É incrível o tempo que Fígaro me deixa esperan-do! É preciso sondá-lo com muita habilidade [*Fígaro aparece ao fundo e pára.*] e tentar descobrir, por uma indireta aqui e ali, se ele sabe ou não do meu amor por Susana.

## CENA V

[*O Conde e Fígaro.*]

FÍGARO [*À parte.*] – Agora é que vai ser!

O CONDE – ...se ele souber uma palavra sequer...

FÍGARO [*À parte.*] – Não tenho a menor dúvida.

O CONDE – ...eu o obrigo a casar com a velha...

FÍGARO [*À parte.*] – A amada do senhor Basílio?

O CONDE – ...e depois veremos o que fazer com a jovem.

FÍGARO [*À parte.*] – Ah! minha mulher, por favor.

O CONDE [*Voltando-se.*] – O que foi? O que é?

FÍGARO – Eu, que estou às suas ordens.

O CONDE – E por que essas palavras?

FÍGARO – Eu não disse nada.

O CONDE [*Repetindo.*] – *Minha mulher, por favor.*

FIGARO – Foi... foi o final de uma resposta que eu estava dando; *vá dizer à minha mulher, por favor.*

O CONDE [Andando.] – Sua mulher!... Eu gostaria muito de saber o que foi que o reteve por tanto tempo quando eu o tinha chamado.

FIGARO [Fingindo verificar sua roupa.] – Eu me sujei todo no canteiro quando café; estava mudando de roupa.

O CONDE – E precisa de uma hora?

FIGARO – Sempre leva um pouco de tempo.

O CONDE – Os empregados, aqui... levam mais tempo para se vestir do que os patrões!

FIGARO – É que eles não têm criados de quarto para ajudar.

O CONDE – Eu não compreendi muito bem por que você preferiu há pouco correr um perigo inútil, atirando-se...

FIGARO – Perigo? Eu fui enterrado vivo!...

O CONDE – Faça o favor de me responder sem fingir que não entende, seu criado de uma figa! Você sabe muito bem que não é o perigo que me preocupa, e sim o motivo.

FIGARO – Por causa daquela denúncia falsa, o senhor chegou furioso, derrubando tudo, parecendo um terremoto; está à procura de um homem, quer achá-lo a qualquer preço, porque senão derrubará portas e forçará fechaduras! E eu lá dentro por acaso: quem podia me garantir que em sua fúria...

O CONDE [Interrompendo.] – Você podia ter fugido pela escaleta.

FIGARO – E o senhor me agarrado no corredor.

O CONDE [Colérico.] – No corredor! [À parte.] Assim eu me perturbo e não consigo saber o que quero.

FIGARO [À parte.] – Esperemos o ataque e fechemos o jogo.

O CONDE [Mais docemente.] – Não é isso que eu queria dizer. Deixemos tudo isso pra lá. Eu tinha... sim, eu tinha

uma certa vontade de levar você para Londres, para ser correio diplomático... porém, pensando bem...

FIGARO – O senhor mudou de idéia?

O CONDE – Em primeiro lugar, você não sabe inglês.

FIGARO – Eu sei, *God-dam.*

O CONDE – Não entendi.

FIGARO – Eu disse que sei, *God-dam.*

O CONDE – E daí?

FIGARO – Ora essa! O inglês é uma língua muito bonita; um pouquinho à-toa rende muito. Com *God-dam*, na Inglaterra, não se passa mal em lugar algum. Dá vontade de comer um bom frango bem gordo? É só entrar numa taverna e fazer um gesto assim para o garçom [*Faz girar o espeto.*] *God-dam!* E imediatamente trazem um porco salgado, sem pão. É maravilhoso! O desejo é tomar um copo de um excelente borgonha ou de clarete?

Basta isso. [*Faz o gesto de tirar a rolha de uma garrafa.*] *God-dam!* E imediatamente servem uma caneca de estanho com uma cerveja que é só espuma. É uma satisfação! Encontra-se uma dessas criaturinhas lindas que andam com passinho miúdo, os olhos baixos, os cotovelos para trás, sacudindo um pouco as ancas? Coloca-se delicadamente todos os dedos juntos sobre os lábios. *God-dam!* Ela sapeca um bofetão de estivador, o que prova que compreendeu muito bem. É verdade que os ingleses, às vezes, acrescentam uma palavra ou outra à conversa; mas não há dúvida de que *God-dam* é a essência da língua; e, portanto, se o senhor não tem outros motivos para me deixar na Espanha...

O CONDE [À parte.] – Ele quer ir para a Inglaterra. Ela não disse nada.

FIGARO [À parte.] – Ele pensa que eu não sei de nada. Vamos fazer um pouco o jogo dele.

O CONDE – Que motivos tinha a Condessa para me fazer aquela brincadeira?

FÍGARO – Lá isso, patrão, o senhor deve saber melhor que eu.

O CONDE – Eu lhe dou de tudo, e a cubro de presentes.

FÍGARO – Pode ser que dê, mas é infiel. Quem é que gosta de sobremesa sem jantar?

O CONDE – Antigamente você me dizia tudo.

FÍGARO – E agora não escondo nada.

O CONDE – Quanto é que a Condessa lhe deu para entrar nessa combinação?

FÍGARO – Quanto me deu o senhor para eu tirá-la das mãos do doutor? O que é isso, meu senhor; não humilhe o homem que serve bem, a fim de não fazer dele um mau criado.

O CONDE – Por que é que sempre há de haver algo de equívoco no que você faz?

FÍGARO – Vêem-se erros em toda parte quando não se procura outra coisa.

O CONDE – É uma reputação detestável.

FÍGARO – E se eu valer mais do que ela? Haverá muitos fidalgos que possam dizer o mesmo?

O CONDE – Eu já o vi buscando a fortuna cem vezes. E sempre por caminhos tortuosos.

FÍGARO – O que é que o senhor quer? É uma multidão, e todos querem correr. Se empurraram, se apertam, se acovelam, voltam para trás, chega quem pode. O resto é triturado. É assim que se faz; e quanto a mim, renuncio a ela.

O CONDE – À fortuna? [À parte.] Isso é novidade...

FÍGARO [À parte.] – Agora é minha vez. [Alto.] O senhor meu amo premiou-me com a portaria do castelo; o que foi muita sorte: é verdade que deixarei de ser o feliz portador de notícias interessantes; mas, por outro lado,

estarei feliz com minha mulher neste recanto da Andaluízia...

O CONDE – E o que o impediria de levá-la para Londres?

FÍGARO – Eu teria de deixá-la tantas vezes que dentro em breve esse casamento me subiria à cabeça...

O CONDE – Com caráter e inteligência, você poderia chegar a progredir na carreira.

FÍGARO – Inteligência para progredir? O senhor está fazendo pouco da minha. O médifocre carreirista é quem conquire tudo.

O CONDE – Você só teria de estudar um pouco de política comigo.

FÍGARO – Isso eu já sei.

O CONDE – Como o inglês, as essências da língua!

FÍGARO – Como se fosse alguma coisa da qual alguém se gaba! Mas fingir ignorar o que se sabe, e saber o que se ignora; escutar o que não se compreende, e não ouvir o que se escuta? Acima de tudo fingir ter um poder acima de nossas forças; e muitas vezes ter por grande segredo esconder que não existe segredo algum; trancar-se à chave para fazer ponta às penas, e parecer profundo quando não se é senão – como se diz – vazio e oco; representar bem ou mal um personagem, espalhar espíões e financiar traidores; amolecer lacres, interceptar cartas, e tentar enobrecer a pobreza dos meios pela importância dos fins? Que eu morra se não é isso a política!

O CONDE – Bom, mas o que você definiu foi a intriga!

FÍGARO – A política, a intriga, como quiser; mas como eu as creio um tanto irmãs, quem quiser que se meta nela!

“Eu prefiro a minha amiga, ô guê”, como diz a velha canção do rei.

O CONDE [À parte.] – Ele quer ficar. Já compreendi... Susana me traiu.

FÍGARO [À parte.] – Está no papo; e jogando o jogo dele!  
 O CONDE – Quer dizer que você espera ganhar seu processo contra Marcelina?

FÍGARO – O senhor me acharia criminoso por recusar-me a uma velhota, quando o senhor, meu amo, se permite surrupiar-nos todas as jovens?

O CONDE [Brincando.] – No tribunal o magistrado não pensa em si mesmo; só vê a lei.

FÍGARO – E é indulgente com os grandes e duro com os pequenos.

O CONDE – Você acha que eu estou brincando?

FÍGARO – Oh! E quem sabe, senhor Conde? *Tempo è galant'uomo*, dizem os italianos, pois sempre diz a verdade; é ele quem dirá quem me quer mal ou bem.

O CONDE [À parte.] – Já vi que sabe de tudo. Vai casar com a velhota.

FÍGARO [À parte.] – Ele está fazendo um jogo fino comigo. O que será que descobriu?

## CENA VI

[O Conde, um lacaios e Fígaro.]

O LACAIO [Anunciando.] – Dom Gusmão do Rico-Pato.

O CONDE – Rico-Pato?

FÍGARO – É claro. É o juiz ordinário; é o vice-presidente do tribunal; é o seu assessor técnico.

O CONDE – Peça-lhe que espere.

## CENA VII

[O Conde e Fígaro.]

FÍGARO [Fica um momento a observar o Conde que divaga.] – Era só isso que o senhor queria?

O CONDE [Voltando a si.] – Eu?... eu queria mandar arrumar a sala para a audiência pública.

FÍGARO – Está faltando alguma coisa? A poltrona grande para o senhor, cadeiras boas para os dois juizes, o tamborete do escrivão, dois bancos para os advogados, o assento para gente importante e a canalha fica atrás. Eu vou tornar a chamar os faxineiros. [Sai.]

## CENA VIII

[O Conde sozinho.]

O CONDE – O patife estava querendo me enrolar! Sempre leva vantagem da conversa: vai envolvendo, vai enrolando... parece que ele e aquela impertinente se uniram para brincar comigo! Pois que sejam amigos, que sejam amantes, que sejam o que quiserem, pouco me importa; mas, palavra de honra, esposos...

## CENA IX

[Susana e o Conde.]

SUSANA [Sem fôlego.] – Senhor... perdão, senhor.

O CONDE [Cacando.] – O que é que há, senhorita?

SUSANA – O senhor está zangado comigo?

O CONDE – Aparentemente, a senhorita deseja qualquer coisa?

SUSANA [*Tímida.*] – É que a patroa está acometida de vapores. Vim correndo pedir-lhe que nos empreste seu vidro de éter. Eu trago de volta num instante.

O CONDE [*Entregando-o.*] – Não, não, pode ficar com ele. Dentro em breve ele lhe será muito útil.

SUSANA – O senhor já viu mulheres da minha posição terem vapores? É uma moléstia de alta condição social, contraída entre muito luxo.

O CONDE – Uma noiva muito apaixonada que perde seu futuro...

SUSANA – E se eu pagar Marcelina com o dote que o senhor me prometeu...

O CONDE – Que eu lhe prometi? Eu?

SUSANA [*De olhos baixos.*] – Meu senhor, foi o que eu entendi...

O CONDE – Sem dúvida, desde que você resolvesse me entender também...

SUSANA [*De olhos baixos.*] – E não é do meu dever procurar entender tudo o que me diz o senhor meu amo?

O CONDE – Mas então, malvada, por que não me disse isso antes?

SUSANA – Eu creio que nunca é tarde para se dizer a verdade...

O CONDE – Você virá ao jardim, ao crepúsculo?

SUSANA – Pois eu não passeio por lá todas as tardes?

O CONDE – Você me tratou tão duramente hoje de manhã...

SUSANA – Hoje de manhã? E o pajem escondido atrás da poltrona?

O CONDE – Ela tem razão, eu havia me esquecido. Mas por que a recusa obstinada quando Basílio, em meu nome...

SUSANA – E qual a necessidade de um Basílio...

O CONDE – Mas ela tem sempre razão. No entanto, me parece que há um Fígaro ao qual você contou tudo...

SUSANA – Minha Nossa Senhora, Fígaro! Mas é claro que eu contei tudo a ele... tudo menos o que era preciso calar.

O CONDE [*Rindo.*] – Que encanto! E você promete? Se você falar à sua palavra, compreenda bem, meu coração: nada de encontro, nada de dote, nada de casamento.

SUSANA [*Fazendo reverência.*] – Mas, por outro lado, nada de casamento, nada de direito de senhor.

O CONDE – Onde será que ela aprende a dizer essas coisas? Palavra de honra que acabo me apaixonando! Mas a sua ama está à espera do frasco...

SUSANA [*Rindo e devolvendo-lhe o frasco.*] – Eu teria podido falar ao senhor se não tivesse um bom pretexto?

O CONDE [*Querendo beijá-la.*] – Criatura deliciosa!

SUSANA [*Fugindo.*] – Af vem gente.

O CONDE [*À parte.*] – Essa é minha! [*Sai fugindo.*]

SUSANA – Agora tenho de ir correndo contar tudo à patroa.

## CENA X

[*Susana e Fígaro.*]

FÍGARO – Susana, Susana, aonde é que você vai assim, correndo tanto, ao deixar o patrão?

SUSANA – Pode defender o seu caso agora, se quiser; você acaba de ganhar o seu processo! [*Ela foge.*]

FÍGARO [*Seguindo-a.*] – Mas como foi...

## CENA XI

[*O Conde volta, só.*]

O CONDE – Você acaba de ganhar o seu processo! Eu estava caindo numa boa armadilha! Pois meus caros inso-

RICO-PATO — E a senhora acha que eu comprei estas minhas funções para quê?

MARCELINA [*Suspirando.*] — Mas é um escândalo que elas sejam vendidas.

RICO-PATO — A senhora tem razão. Seria muito melhor se elas nos fossem dadas gratuitamente. Quem é que a senhora está processando?

## CENA XIII

[*Bartolo, Marcelina, Rico-Pato, Figaro, que volta esfregando as mãos.*]

MARCELINA [*Apontando Figaro.*] — A este infame, meritíssimo.

FIGARO [*Muito alegre à Marcelina.*] — Eu estou importunando? O senhor Conde não demora, senhor conselheiro.

RICO-PATO — Eu já vi essa cara em algum lugar.

FIGARO — Em casa de sua esposa em Sevilha, para servi-la, senhor conselheiro.

RICO-PATO — Em que época?

FIGARO — Um pouco menos de um ano antes do nascimento do senhor seu filho, o caçula, que, modéstia à parte, é um meninão.

RICO-PATO — Sem dúvida, é o mais bonito de todos. Ouvi dizer que você andou fazendo das suas por aqui.

FIGARO — Bondade sua. Coisa sem importância.

RICO-PATO — Uma promessa de casamento! A-ah! Pobre idiota!

FIGARO — Meu senhor...

RICO-PATO — Será que aqui o rapaz não viu o meu secretário?

FIGARO — Não é Mãozinha de Ouro, o escrivão?

lentes! Vou dar-lhe um tamanho castigo... A sentença será das mais justas... Mas se ele pagar a velhota?... mas com o quê? Se ele pagar... Ora, e não posso então contar com o bravo Antônio, cujo nobre orgulho menospreza Figaro, um enfeitado, como pretendente da sobrinha? Encorajando-se essa mania... e por que não? Para ter sucesso na intriga, é preciso saber cultivar tudo, até mesmo a vaidade de um idiota. [*Chama.*] Antô... [*Vê entrar Marcelina e os outros. Sai.*]

## CENA XII

[*Bartolo, Marcelina e Rico-Pato.*]

MARCELINA [*A Rico-Pato.*] — Senhor, escute o meu caso.

RICO-PATO [*De toga, gagueja um pouco.*] — Pois não. Conversemos um pouco verbalmente.

BARTOLO — Trata-se de uma promessa de casamento.

MARCELINA — Acompanhada de um empréstimo de dinheiro.

RICO-PATO — Já compreendi, etc. e o resto.

MARCELINA — Não senhor, não houve etc.

RICO-PATO — Já compreendi: a senhora tem o dinheiro?

MARCELINA — Não, meu senhor; fui eu quem o emprestou.

RICO-PATO — Já compreendi muito bem; a senhora quer o dinheiro de volta.

MARCELINA — Não, senhor. Eu exijo que ele se case comigo.

RICO-PATO — Ah, sim, já o compreendi muito bem; e ele, deseja casar-se com a senhora?

MARCELINA — Não, senhor. É nisto que consiste o processo.

RICO-PATO — E a senhora acha que eu não compreendo o processo?

MARCELINA — Não senhor. [*A Bartolo.*] Onde estamos? [*A Rico-Pato.*] Mas é o senhor que irá julgar-nos?



RICO-PATO – Isso mesmo. É que ele come em duas panelas ao mesmo tempo.

FÍGARO – Come? Devora é mais o termo. Eu é que sei. Li-dei com ele por causa das certidões; de resto isso é muito comum.

RICO-PATO – É-é preciso preencher as formalidades.

FÍGARO – Sem dúvida, meu senhor. Se a essência de um processo pertence aos litigantes, nós sabemos muito bem que as formalidades são o patrimônio dos tribunais.

RICO-PATO – Esse rapaz não é tão bobo quanto eu pensava. Pois muito bem, amigo! Já que você sabe de tanta coisa, nós daremos a maior atenção ao seu caso.

FÍGARO – Senhor, eu me ponho nas mãos do seu árbitro, muito embora pertença à nossa justiça.

RICO-PATO – Hein?... Sim, sem-nhor; eu sou da justiça. Mas, e se você deve e não paga?

FÍGARO – Nesse caso, meu senhor, é como se eu não devesse.

RICO-PATO – Claro, claro. O que foi que ele disse?

## CENA XIV

[*Bartolo, Marcelina, o Conde, Rico-Pato, Fígaro e um guarda do protocolo.*]

O GUARDA [*Precedendo o Conde, grita.*] – Sua excelência o senhor Conde!

O CONDE – Togado aqui, senhor Rico-Pato! Trata-se apenas de uma questão doméstica; até o traje civil era bom demais.

RICO-PATO – O senhor Conde é o que é. Porém eu nunca a tiro! Muita gente que se ri de um juiz à paisana treme diante de um advogado de toga. É a formalidade! A formalidade!

O CONDE [*Ao guarda.*] – Faça entrar a audiência.  
O GUARDA [*Vai abrir a galope.*] – A audiência!

## CENA XV

[*Os atores precedentes, Antônio, os criados do castelo, os camponeses e camponesas, com traje de festa, o Conde senta-se na poltrona principal. Rico-Pato numa cadeira ao lado, o escrívão em seu tamborete, atrás da mesa; os juizes, os advogados nas banquetas, os camponeses e criados atrás, de pé.*]

RICO-PATO [*A Mãozinha.*] – Mão de Ouro, chame os casos.  
MÃOZINHA [*Lendo um papel.*] – O nobre, nobilíssimo, infinitamente nobre Dom Pedro Jorge, fidalgo, barão de los Altos y Montes Fieros, e outros montes; contra Alonso Calderón, jovem autor dramático. Questiona-se por uma comédia natimorta, cuja autoria ambos renegam e atribuem cada um ao outro.

O CONDE – Todos os dois têm razão. Fora da corte. Se creverem outra obra juntos, para que ela venha a deixar alguma marca no mundo, ordene-se que o nobre lhe dê seu nome, e o poeta, o seu talento.

MÃOZINHA [*Lendo um papel.*] – André Petrucchio, trabalhador, contra o coletor da província. Trata-se de um confisco arbitrário.

O CONDE – O caso não é da minha alçada. Eu servirei melhor a meus vassalos protegendo-os junto ao rei. Outro.

MÃOZINHA [*Toma outro papel. Bartolo e Fígaro levantam-se*] – Barbara-Agar-Raab-Madalena-Nicole-Marcelina Pinta de la Buena – donzela e maior, [*Marcelina levanta-se e cumprimenta.*] contra Fígaro... nome de batismo em branco.

FIGARO – Anônimo.

RICO-PATO – Anônimo? Que s-santo pa-padroeiro é esse?

FIGARO – É o meu.

MÃOZINHA – Contra, Anônimo Figaro. Qualificação?

FIGARO – Fidalgo.

O CONDE – O senhor é fidalgo? [*O escrívão escreve.*]

FIGARO – Se o céu assim o quisesse, eu seria filho de um príncipe.

O CONDE [*Ao escrívão.*] – Do que se trata?

GUARDA [*Uivando.*] – Silêncio, meus senhores!

MÃOZINHA – Causa da dita Buena Pinta contra o dito Figaro por sua recusa em se casar. O doutor Bartolo, pela supplicante e o dito Figaro por si mesmo, se a corte o permite, contra toda a tradição e a jurisprudência do tribunal.

FIGARO – A tradição, Mestre Mão de Ouro, é muitas vezes um abuso. O cliente medianamente instruído sempre conhece melhor a sua causa do que certos advogados que, fingindo grande emoção, esbravejando e conhecendo tudo menos o que interessa, se importam tão pouco com arruinar o litigante quanto com cacetear o auditório, além de adormecerem os senhores juizes. E ainda saem se pavoneando mais do que se tivessem composto as Catilinárias; eu direi tudo em poucas palavras. Meritíssimos...

MÃOZINHA – Falou muito por nada, porque não sendo supplicante, só tem que se defender. Adiante-se doutor e leia a promessa.

FIGARO – Ora, promessa!

BARTOLO [*Colocando os óculos.*] – Ela é muito precisa.

RICO-PATO – É preciso vê-la.

MÃOZINHA – Então, silêncio, senhores!

BARTOLO [*Lendo.*] – Eu, abaixo assinado, reconheço haver

recebido da senhorita etc. etc. Marcelina de la Buena Pinta, no castelo de Águas Frescas, a soma de duas mil piastras fortes, lavradas, cuja soma eu lhe restituirei, em qualquer data em que ela a exija, e a desposarei, neste mesmo castelo, como forma de reconhecimento etc. Assinado, Figaro, pura e simplesmente. As minhas conclusões são pelo pagamento do débito e cumprimento da promessa, mais despesas. [*Começa a perorar.*] Senhores... jamais causa tão interessante foi submetida ao julgamento desta corte; e desde que Alexandre, o Grande que prometeu casamento à bela Thalestris...

O CONDE [*Interrompendo.*] – Antes de irmos mais longe, senhor advogado, gostaria de saber se não há disputa sobre a validade do título.

RICO-PATO [*A Figaro.*] – Que... que objeções apresenta o senhor ao que foi lido?

FIGARO – A de que há, meritíssimo, malícia, erro ou distração na maneira pela qual foi lida a peça; porque ali não está dito: cuja soma lhe restituirei E a desposarei, mas sim, “cuja soma eu lhe restituirei OU a desposarei”; que é coisa inteiramente diferente.

O CONDE – No documento, está E ou está OU?

BARTOLO – Está E.

FIGARO – Está OU

RICO-PATO – Mão de Ouro, leia o senhor mesmo.

MÃOZINHA [*Tomando o papel.*] – É o mais garantido; porque muitas vezes nos enganam ao lerem. [*Lê.*] E, e, e, e senhorita de la Buena Pinta e, e, e, Ah! “cuja soma eu lhe restituirei, em qualquer data em que ela a exija, e... ou... e... ou...” a palavra está mal escrita... tem um borrão.

RICO-PATO – Um borrão? Isso eu sei o que é.

BARTOLO [*Perorando.*] – Eu sustento que se trata da con-

junção copulativa E que liga os membros correlativos da frase: Eu pagarei à senhorita E a desposarei.

FIGARO [*Replicando.*] – E eu sustento que se trata da conjunção alternativa OU que separa os ditos membros; eu pagarei à donzela OU a desposarei. Para pedante, pedante e meio. E ele que não se meta a falar latim, porque eu sou grego e líquido com ele.

O CONDE – Como se pode julgar uma tal questão?

BARTOLO – Para poder enfrentá-la, senhores, e para não se chicanear mais por uma palavra, nós admitimos que seja OU.

FIGARO – E eu exijo que seja lavrado em ata.

BARTOLO – Nós concordamos. Um recurso tão barato não salvará o cúlpito. Assim ficará dito, meus senhores: não está contido nessa palavra o compromisso. Atente-se para a precisão do estilo: há um nítido contraste entre as possibilidades múltiplas implícitas na frase “em qualquer data” com as contidas nesta outra, “neste mesmo castelo”, nenhuma das quais exclui a obrigatoriedade de inexorável. O pagamento, esse, poderá ser feito “em qualquer data”, mas quando diz “ou” seguido de “a desposarei neste mesmo castelo como forma de reconhecimento”, fica mais do que claro que se não houver pagamento o casamento terá obrigatoriamente de ser realizado neste castelo, enquanto que se houver, poderá o mesmo ser realizado em qualquer outro lugar.

FIGARO – De modo algum. A frase “neste mesmo castelo” é incluída porque aqui moramos e aqui foi realizada a transação. Tomei o dinheiro no castelo – pago-o neste mesmo castelo. A expressão está entre vírgulas, não é parte integrante da oração principal.

BARTOLO – Não há vírgulas.

FIGARO – Há! Ou há vírgulas ou me casarei com ela.

BARTOLO [*Olhando.*] – Não há vírgulas.

FIGARO – Não há vírgulas, uma vírgula!

BARTOLO [*Olhando.*] – Não há vírgulas, Meritíssimos...

FIGARO – Mas havia!... E, além disso, o homem que casa ainda tem de pagar?

BARTOLO [*Rápido.*] – Sim, nós nos casamos com separação de bens.

FIGARO [*Rápido.*] – E nós com separação de corpos, já que o casamento não constitui quitação. [*Os juizes levantam-se e confabulam baixo.*]

BARTOLO – Quitação muito agradável!

MÃOZINHA – Silêncio, senhores!

GUARDA [*Uivando.*] – Silêncio!

BARTOLO – E esse calhorda chama isso de pagar suas dívidas!

FIGARO – É a sua própria causa, senhor advogado, que o senhor está defendendo?

BARTOLO – Estou defendendo a causa desta donzela.

FIGARO – Pois continue a deblaterar, mas pare de injuriar.

Quando temendo que os interessados pudessem ficar muito emocionados, os tribunais passaram a tolerar que fossem chamados terceiros, não lhes ocorreu que tais defensores moderados pudessem tornar-se, impunemente, insolentes privilegiados. Tal atitude degrada a mais nobre das instituições. [*Os juizes continuam a confabular baixo.*]

ANTÔNIO [*À Marcelina, mostrando os juizes.*] – O que é que eles resfolegam tanto?

MARCELINA – O grande Juiz foi subornado; ele suborna o outro, e eu perco o meu processo.

BARTOLO [*Baixo, em tom sombrio.*] – Disso é que eu tenho medo.

FIGARO [*Alegre.*] – Coragem, Marcelina!

MÃOZINHA [*Levanta-se. A Marcelina.*] – Ah, isso é demais!

Eu a denuncio, e, na defesa da honra do tribunal, exijo que antes de ser lavrada a sentença sobre o outro caso, que ele se pronuncie sobre este.

O CONDE [*Sentando-se.*] – Não, escrivão, eu não me pronunciarei sobre a injúria à minha pessoa: um juiz espáhol não pode de modo algum sentir-se atingido por excessos dignos, no máximo, dos tribunais asiáticos; já bastam os outros abusos tentados. E um deles eu corrigirei ao arrazoar minha sentença. O que pode requerer a suplicante? O casamento na falta do pagamento: que- rer as duas coisas ao mesmo tempo seria uma exorbitância de graves complicações.

MÃOZINHA – Silêncio, senhores!

GUARDA [*Uivando.*] – Silêncio!

O CONDE – O que nos replica o réu? Que ele deseje presen- var a sua pessoa, o que lhe é permitido.

FÍGARO [*Contente.*] – Ganhei!

O CONDE – Porém como o texto diz “cuja soma eu lhe res- tituirei em qualquer data em que ela a exija, ou a des- posarei etc.”, a corte Condena o réu a pagar duas mil piastras fortes à suplicante, ou então casar-se com ela ainda hoje. [*Levanta-se.*]

FÍGARO [*Estupefato.*] – Eu perdi!!

ANTÔNIO [*Contente*] – Isso é que é sentença das boas!

FÍGARO – Das boas por quê?

ANTÔNIO – Porque agora você não é mais meu sobrinho. Muito obrigado, meu senhor.

GUARDA [*Uivando.*] – Saíam, senhores. [*O povo sai.*]

ANTÔNIO – Eu vou contar tudo à minha sobrinha. [*Sai.*]

## CENA XVI

[*O Conde, andando de um lado para outro; Marcelina, Bartolo, Fígaro, Rico-Pato.*]

MARCELINA [*Sentando-se.*] – Agora respirei.

FÍGARO – E eu fiquei sufocado.

O CONDE – Pelo menos estou vingado, o que é um consolo. FÍGARO [*À parte.*] – E o tal do Basílio que ia impedir o ca- samento de Marcelina? Esse, vejamos só se aparece! [*Ao*

*Conde que sai.*] Senhor, o senhor vai nos deixar?

O CONDE – O julgamento está terminado.

FÍGARO [*A Rico-Pato.*] – E esse tal de conselheiro cheio de vento...

RICO-PATO – E.. e.. eu, cheio de vento?

FÍGARO – É, sim. Eu não me caso com ela; eu sou fidalgo. [*O Conde pára.*]

BARTOLO – Há de casar-se.

FÍGARO – Sem a bênção dos meus pais nobres?

BARTOLO – Dê-me seus nomes, apresente-os aqui.

FÍGARO – Eu preciso de um certo tempo; eu já estou quase encontrando os dois; faz quinze anos que eu os procuro.

BARTOLO – O presunçoso! Trata-se de um enjeitado!

FÍGARO – De um filho perdido, doutor; ou melhor, roubado.

O CONDE [*Voltando.*] – Roubado, perdido, onde estão as provas? Ele vai ficar bradando que o julgamento não foi válido.

FÍGARO – Senhor Conde, se as camisolas de rendas, as man- tas bordadas e as jóias de ouro encontradas sobre mim pelos salteadores não indicassem de si o meu alto ber- ço, as precauções que haviam sido tomadas de me dei- xar marcas características seriam testemunho do quan- to eu era filho precioso; e o hieroglifo que tenho em meu braço... [*Ele indica que vai desnudar o braço direito.*]

MARCELINA [*Vivamente.*] – Uma espátula no seu braço direito?

FÍGARO – Como é que a senhora sabe disso?

MARCELINA – Meu Deus! É ele!

FÍGARO – É. Sou eu.

BARTOLO [*À Marcelina.*] – Ele quem?

MARCELINA [*Vivamente.*] – É Emanuel!

BARTOLO [*A Figaro.*] – Você foi raptado por ciganos?

FÍGARO [*Exaltado.*] – Bem perto de um castelo. Meu bom doutor, se o senhor me restituir à minha nobre família, pode pedir o que quiser pelos seus serviços; rios de ouro não impediriam meus pais ilustres...

BARTOLO [*Apontando Marcelina.*] – Eis aqui sua mãe...

FÍGARO – De criação?

O CONDE – Sua mãe!

FÍGARO – Explique-se.

MARCELINA [*Mostrando Bartolo.*] – Eis aqui o seu pai.

FÍGARO [*Desolado.*] – O oh! Ai de mim!

MARCELINA – Mas será que a natureza não lho havia dito mil vezes?

FÍGARO – Nunca.

O CONDE [*À parte.*] – Sua mãe!

RICO-PATO – Bom, está claro que ele não se casa mais com ela.

BARTOLO – Nem eu tampouco.

MARCELINA – Nem o senhor? E o seu filho? O senhor me havia jurado...

BARTOLO – Eu estava louco. Se coisas longínquas como essa fossem válidas, nós acabaríamos obrigados a casar com todo mundo.

RICO-PATO – E se fosse necessário ver tudo muito de perto, ninguém jamais casaria com ninguém.

BARTOLO – Falta públicas e notórias! Uma juventude deplorável!

MARCELINA [*Esquentando gradativamente.*] – Sim, deplorável e muito mais do que se possa pensar! Não tenho a menor intenção de esconder os meus erros, pois o dia de hoje deixou-os mais que provados! Mas como é duro ter de expiá-los depois de trinta anos de vida exemplar! Eu, que aqui estou, nasci para ser ajuizada, e o fui tão logo me foi permitido o uso da razão. Mas na idade das ilusões, da inexperiência e das necessidades, quando os sedutores nos assediavam enquanto a mi-séria nos apunhala, como pode uma criança resistir a tantos inimigos que se aliam? E quem nos julga agora aqui, tão severamente, pode, em sua vida, ter perdido dez desafortunadas.

FÍGARO – Os mais culpados são sempre os menos generosos. É a regra.

MARCELINA [*Vivamente.*] – Homens mais que ingratos, que deixam marcadas, pelo desprezo, os joguetes de suas paixões, as suas vítimas! É aos senhores que se deveria punir pelos erros de nossa juventude! Aos senhores e aos seus magistrados, tão vaidosos do direito de nos julgar, mas que permitem que nos tirem, por sua negligência culposa, todos os meios honestos de subsistência. Será que só existe uma profissão para as moças infelizes? Elas tinham um direito natural a todas as atividades femininas; mas os senhores permitiram que se formassem milhares de operários têxteis do outro sexo.

FÍGARO [*Com raiva.*] – Até os soldados aprendem a bordar!

MARCELINA [*Exaltada.*] – Mesmo nas condições mais elevadas, as mulheres não têm dos senhores senão um arremedo de consideração! Cobertas de um respeito aparente, vivem em real servidão; somos tratadas como menores quando se trata dos nossos bens, mas como maiores quando se trata dos erros! Ah, sob todos os as-

pectos, a sua conduta para conosco só inspira horror ou piedade!

FÍGARO — Ela tem razão!

O CONDE [À parte.] — Mais do que razão!

RICO-PATO — Meu Deus, como ela tem razão.

MARCELINA — Mas o que nos importa, meu filho, a recusa de um homem injusto? Não olhe para onde veio, mas para onde vai, que é a única coisa que importa na vida. Dentro de alguns meses a sua noiva será independente, e eu garanto que então ela há de aceitá-lo. Que você viva entre uma esposa e uma mãe dedicadas que o hão de querer o mais possível. Seja indulgente por amor delas, e feliz por amor de si mesmo, meu filho; alegre, livre e bom pelo amor de todos: e nada faltará a sua mãe.

FÍGARO — Suas palavras valem ouro, mamãe, e eu seguirei os seus conselhos. Como nós somos tolos! Há milhares e milhares de anos que o mundo gira, e se nesse oceano de tempo por acaso eu agarrei uns mesquinhos trinta anos que não voltarão mais, os devo! Pior para quem se preocupar com isso! Passar a vida assim a discutir é remar contra a maré, dar murro em ponta de faca, e descansar carregando pedra, sem marchar. Eu vou esperar.

O CONDE — Essa idiotice inesperada me estraga os planos! RICO-PATO [A Fígaro.] — E a nobreza? E o castelo? O senhor estava enganando a justiça!

FÍGARO — A tal da justiça ia me obrigar a fazer uma boa asneira! Depois que eu, não sei quantas vezes, por causa daqueles malditos cem escudos, por pouco deixei de assassinar este senhor que hoje descobro ser meu pai! Mas já que o céu salvou minha virtude de tais perigos, meu pai, aceite as minhas desculpas... E a senhora, mi-

nha mãe, abrace-me... o mais maternalmente que lhe for possível... [Marcelina salta-lhe ao pescoço.]

## CENA XVII

[Bartolo, Fígaro, Marcelina, Rico-Pato, Susana, Antônio, o Conde.]

SUSANA [Entra correndo; com a bolsa na mão.] — Senhor, espere! Por favor não os case! Eu vim pagar aqui a senhora com o dote que a minha patroa me deu.

O CONDE [À parte.] — A patroa que vá para o diabo! Tudo parece conspirar... [Sai.]

## CENA XVIII

[Bartolo, Antônio, Susana, Fígaro, Marcelina, Rico-Pato.]

ANTÔNIO [Vendo Fígaro abraçar a mãe, diz à Susana.] — Pode pagar, pode! Mas olha só ali!

SUSANA [Voltando-se.] — Já vi o bastante, saíamos meu tio.

FÍGARO [Prendendo-a.] — Não, por favor. O que é que você viu?

SUSANA — A minha asneira e a sua covardia.

FÍGARO — Nem uma coisa nem outra.

SUSANA — E que você está casando com ela por gosto, já que a abraça e a beija!

FÍGARO [Alegre.] — Eu lhe faço carinhos, mas não caso com ela. [Susana quer sair, Fígaro a retém.]

SUSANA [Lhe dá um tapa.] — Mas você é muito ousado de ainda querer me prender aqui!

FÍGARO [Aos presentes.] — E isso é amor? Antes de nos deixar eu lhe peço, olhe bem para essa mulher, querida.

SUSANA – Estou olhando.

FÍGARO – E o que acha dela?

SUSANA – Um susto.

FÍGARO – Viva o ciúme! Pois ela não lhe poupa elogios.

MARCELINA [De braços abertos.] – Abrace sua mãe, minha linda Susaninha. Esta peste que a atormenta é meu filho.

SUSANA [Correndo para ela.] – A senhora é mãe dele? [Ficam nos braços uma da outra.]

ANTÔNIO – Isso é de agora?

FÍGARO – Agora é que eu soube.

MARCELINA [Exaltada.] – Não, o meu amor por ele só se enganava nos motivos; era o meu sangue que falava.

FÍGARO – E meu o bom sendo, minha mãe, que me servia de instinto quando eu a repudiava, pois estava longe de odiá-la; basta ver o dinheiro...

MARCELINA [Entregando-lhe um papel.] – Ele é seu, toma aqui sua promissória, fica sendo o seu dote.

SUSANA [Atirando-lhe sua bolsa.] – E toma mais este.

FÍGARO – Mas é demais!

MARCELINA [Exaltada.] – Moça bastante infeliz, eu estava a ponto de me tornar a mais desgraçada das mulheres, e sou a mais feliz das mães! Abracem-me, meus dois filhos; vocês são toda a minha ternura. Estou tão feliz quanto me é possível sê-lo! Ah, meus filhos, como eu vou amá-los!

FÍGARO [Enternecido, com vivacidade.] – Chega, minha mãe! A senhora quer desmanchar água em meus olhos inundados pelas primeiras lágrimas que conheci? Pelo menos elas são de alegria! Mas que estupidez! Por pouco eu me envergonhava delas! Eu as sentia correr entre meus dedos, vejam, [Dedos abertos.] e as retia bestamente! Vergonha, pode ir passear em outra parte! Eu quero rir e chorar ao mesmo tempo; ninguém sente duas

vezes o que eu estou sentindo. [Ele abraça sua mãe de um lado e Susana de outro.]

MARCELINA – Oh, meu querido!

RICO-PATO [Enxugando os olhos com um lenço.] – Pois bem! Vejam! Eu também sou bobo!

FÍGARO [Exaltado.] – Tristeza, agora eu posso te desafiar: vê se consegue me pegar agora, entre essas duas mulheres queridas.

ANTÔNIO [A Fígaro.] – Menos de mirabolâncias, por favor. Nesse negócio de casamento, nas famílias às direitas, o dos pais tem de vir primeiro, sabe? E os seus se matriculariam as mãos.

BARTOLO – Minha mão? Ela há de secar e cair antes de eu concedê-la à mãe de um pândego desses!

ANTÔNIO [A Bartolo.] – Quer dizer que o senhor não passa de um pai madraсто? [A Fígaro.] E nesse caso, meu mimoso, nem mais uma palavra.

SUSANA – Ah, meu tio!

ANTÔNIO – E eu tenho cara de dar a filha da nossa irmã a esse tipo que não é filho de ninguém?

RICO-PATO – E isso é possível, imbecil? Todo mundo é filho de alguém.

ANTÔNIO – Balelas!... com ela é que ele não casa. [Sai.]

## CENA XIX

[Bartolo, Susana, Fígaro, Marcelina, Rico-Pato.]

BARTOLO [A Fígaro] – É melhor você procurar quem o adote. [Vai sair.]

MARCELINA [Corre e agarra Bartolo dando-lhe uma volta ao corpo com o braço e trazendo-o de volta.] – Pare um pouco, doutor. Não saia já.

FÍGARO [*À parte.*] – Tenho a impressão de que todos os idiotas da Andaluzia estão conspirando contra o meu casamento!

SUSANA [*A Bartolo.*] – Mas, papaizinho, ele é seu filho!

MARCELINA [*A Bartolo.*] – De espírito, de talentos e de corpo!

FÍGARO [*A Bartolo.*] – E que não lhe custou um vintém!

BARTOLO – E os cem escudos que você me tirou?

MARCELINA [*Acariciando-o.*] – Nós tomaremos tanta conta do senhor, papai!

SUSANA [*Acariciando-o.*] – Nós o amaremos tanto, papai-zinho!

BARTOLO [*Eternecido.*] – Papai! Bom papai! Papaizinho!

Pois não é que eu ainda sou mais bobo do que o Meritíssimo? [*Apontando Rico-Pato.*] Eu me deixo levar como uma criança. [*Marcelina e Susana abraçam-no.*]

Não, eu não disse que sim! [*Volta-se.*] Aonde é que foi o senhor Conde?

FÍGARO – Vamos procurá-lo; e arranquemos dele sua última palavra. Se ele estiver começado a maquinar mais uma intriga, teremos de recomeçar tudo de novo.

TODOS – Vamos! Vamos! [*Arrastam Bartolo consigo.*]

## CENA XX

[*Rico-Pato, sozinho.*]

RICO-PATO – Ainda mais bobo que o Meritíssimo! Nós podemos dizer essas coisas de nós mesmos, mas... m-mas esta gente deste lugar não é lá muito educada! [*Sai.*]

## QUARTO ATO



*A cena representa uma galeria ornada de candelabros, lustres iluminados, flores, guirlandas, em poucas palavras: preparada para uma festa. Na direita baixa está uma mesa com um estajo de escritório portátil em cima; uma poltrona atrás.*

## CENA I

[*Figaro e Susana.*]

FIGARO [*Passando-lhe o braço na cintura.*] – Como é, meu amor, está contente? A minha mãe conseguiu convencer o doutor. Aquela maravilhosa língua de ouro! Apesar de muito torcido, ele vai casar com ela, e o rabugento do seu tio está mansinho; a única pessoa que ainda bufa é o patrão, porque a festa de casamento dele vai ser a nossa. Que tal um sorriso para comemorar os acontecimentos?

SUSANA – Você já viu coisa mais esquisita?

FÍGARO – Nem mais alegre. Nós só queríamos arrancar um dote de Sua Excelência, e já estamos com dois nas mãos, sendo que nenhum dos dois é dele. Uma rival encarniçada te perseguiu; eu vivia atormentado por uma fúria! Mas tudo isso transformou-se na melhor das mães. Ontem eu era só no mundo, e agora estou com todos os pais necessários; é verdade que não são assim tão sensacionais quanto eu os havia imaginado, mas perfeitamente satisfatórios para nós, que não temos as vaidades da riqueza.

SUSANA – Não aconteceu nenhuma das coisas que você planejou, e que nós esperávamos, meu bem!

FÍGARO – O acaso se saiu melhor do que nós todos, minha querida. O mundo é assim: a gente trabalha, projeta e arruma de um lado, e o destino realiza do outro; e desde o ambicioso insaciável que quer engolir o mundo até o cego obediente que se deixa guiar por seu cão, todos são joguetes de seus caprichos; [E muitas vezes o cego com seu cachorro é mais bem conduzido, e menos enganado em seus pontos de vista do que o outro cego, cercado por uma grande corte.] E quanto a esse encantador cego chamado Amor... [*Ele novamente lhe passa o braço pela cintura com ternura*].

SUSANA – Ah! que é o único que me interessa!

FÍGARO – Permita então, que, roubando o emprego da família, eu seja o bom cão que a guiará até a porta da sua casa; e onde nos instalaremos para o resto da vida!

SUSANA [*Rindo*]. – O Amor e você?

FÍGARO – Eu e o Amor.

SUSANA – E você não procura nenhum outro lar?

FÍGARO – Se você me levar lá, eu quero que milhões de...

SUSANA – Não comece com exageros... diga só a verdade mesmo.

FÍGARO – A mais verdadeira das minhas verdades!

SUSANA – O que é isso, malandro? Quer dizer que há mais de uma?

FÍGARO – Sem dúvida, sem dúvida. Desde que se notou que com o tempo velhas loucuras transformam-se em sabedoria, e que velhas mentiras pequenininhas produzem verdades imensas, há mil espécies delas! Há todas aquelas que nós sabemos sem ousar divulgar, porque nem toda verdade deve ser dita; e há aquelas que a gente proclama mas sem muita convicção, porque não se deve crer em todas as verdades; e as juras apaixonadas, as ameaças das mães, as gritarias dos bêbados, as promessas das pessoas em posições importantes, a última palavra dos negociantes; não acaba nunca. Só o meu amor pela minha Susaninha é que é verdade de metal de lei.

SUSANA – Eu adoro a sua alegria, porque ela é louca, ela anuncia que você é feliz. E agora vamos pensar no encontro com o Conde.

FÍGARO – É melhor não pensar nele nunca mais; quase que ele me custou a minha Susana.

SUSANA – Quer dizer que você não quer que ele se realize?

FÍGARO – Se você me ama, Susana, quero sua palavra neste ponto: ele que espere sentado: é o seu castigo.

SUSANA – Dizer que sim me custou muito mais do que deixar de ir. Não se fala mais nisso.

FÍGARO – Verdade mesmo?

SUSANA – Eu não sou como todos aqueles seus espartilhões: a minha é uma só.

FÍGARO – E você me amará um pouco?

SUSANA – Muito.

FÍGARO – Não basta.

SUSANA – Como?

SUSANA – Madame! Então o que é que a senhora pensa! A CONDESSA – Que estando finalmente de acordo com o Conde, você ficou aborrecida de ter me confiado os seus projetos. Eu conheço vocês muito bem, vá-se embora. [*Quer sair.*]

SUSANA [*De joelhos.*] – Em nome do céu, que é nossa esperança! A senhora não sabe, madame, o mal que está fazendo à Susana! Depois de suas bondades incessantes, e depois do dote que me deu!...

A CONDESSA [*Levantando-a.*] – Ora... eu nem sei o que digo! Ao ceder-me seu lugar no jardim, você não estará comparecendo ao encontro, meu coração; você manterá a palavra dada ao seu marido, e me ajudará a reconquistar o meu.

SUSANA – Como a senhora me afligiu!

A CONDESSA – É que eu não passo de uma tota! [*Ela beijava Susana na testa.*] Onde é o seu encontro?

SUSANA [*Beijando-lhe a mão.*] – Eu só me lembro da palavra jardim.

A CONDESSA [*Indicando-lhe a mesa.*] – Pegue aquela pena, e vamos determinar um lugar exato.

SUSANA – Escrever a ele!

A CONDESSA – É preciso.

SUSANA – Madame! Que, pelo menos, seja a senhora...

A CONDESSA – Eu assumo toda a responsabilidade. [*Susana senta, a Condessa dita.*] “O ar canta nova canção...” Como a tarde será linda, à sombra dos grandes castanheiros!... “Como a tarde será linda...”

SUSANA [*Escrevendo.*] – “À sombra dos castanheiros...” E depois?

A CONDESSA – Será que ele não compreende?

SUSANA [*Relendo.*] – Está ótimo. [*Dobra o papel.*] Vamos selar com o quê?

FÍGARO – Em matéria de amor, sabe, nem demais é bastante. SUSANA – Essas filigranas que eu não entendo; mas só amarei ao meu marido.

FÍGARO – Mantenha a sua palavra, e será uma maravilhosa exceção à regra. [*Tenta beijá-la.*]

## CENA II

[*Fígaro, Susana e a Condessa.*]

A CONDESSA – Bem que eu tinha razão de dizer: estejam onde estiverem, estarão juntos. O que é isso, Fígaro? Escamotear assim um encontro a sós é roubar o futuro, o casamento e a você mesmo. E há alguém à sua espera e com muita impaciência.

FÍGARO – É verdade, madame: eu tinha esquecido. É melhor eu ir lhe mostrar minhas excusas. [*Tenta levar Susana.*] A CONDESSA [*Retendo-a.*] – Ela já vai.

## CENA III

[*Susana e a Condessa.*]

A CONDESSA – Você está com tudo necessário para trocar de roupa?

SUSANA – Não é necessário nada, madame. O encontro não será realizado.

A CONDESSA – Ah, você mudou de idéia?

SUSANA – Foi Fígaro.

A CONDESSA – Então você me traiu.

SUSANA – Palavra que não!

A CONDESSA – Fígaro não é homem de deixar escapar um dote.

A CONDESSA – Um alfinete! Depressa! Ele servirá para res-  
posta. Escreve no lado de fora! Devolva o timbre!

SUSANA [*Escreve rindo.*] – Ah! O timbre! Este aqui, mada-  
me, é mais alegre que o da patente!

A CONDESSA [*Com lembrança dolorosa.*] – Ah!

SUSANA [*Procura em si.*] – Não tenho nenhum alfinete co-  
migo!

A CONDESSA [*Deixando abrir o casaco.*] – Tome este. [*A  
fita do pajem cai de seu seio.*] Ah! A minha fita!

SUSANA [*Apanhando.*] – É a do gatuninho! A senhora teve  
a maldade...

A CONDESSA – Será que eu tinha de deixá-la em seu bra-  
ço? Seria uma beleza! Dê-me isso aqui...

SUSANA – Madame não vai mais poder usá-la, assim man-  
chada com o sangue do rapaz.

A CONDESSA [*Retomando-a.*] – Excelente para Fanchete. A  
primeira vez que ela me trouxe flores...

## CENA IV

[*Uma jovem pastora, Querubino vestido de mulher,  
Fanchete e várias outras moças vestidas iguais a ela, car-  
regando buquês. A Condessa e Susana.*]

FANCHETE – Madame, são as moças da aldeia que vieram  
trazer-lhe flores.

A CONDESSA [*Segurando rapidamente sua fita.*] – São en-  
cantadoras. E eu me repreendo, minhas filhas, de não  
conhecer a todas. [*Apontando Querubino.*] Quem é esta  
criança encantadora de ar tão modesto?

PASTORA – É uma prima minha, senhora, que veio para o  
casamento.

A CONDESSA – Ela é muito bonita. Não podendo carregar

vinte buquês, honremos então a visitante. [*Toma o bu-  
quê de Querubino e lhe beija a testa.*] Ela ficou cora-  
da! [*Á Susana.*] Susaneta, você não acha que ela pare-  
ce com alguém?

SUSANA – É mesmo. Dá até para confundir.

QUERUBINO [*Á parte com as mãos no coração.*] – Esse bei-  
jo ficou bem longe de mim.

## CENA V

[*As moças, Querubino, entre elas, Fanchete, Antônio,  
o Conde, a Condessa, Susana.*]

ANTÔNIO – Pois eu lhe digo que ele está aí. Elas o vestiram  
no quarto da minha filha; as roupas dele continuam lá  
e aqui está seu chapéu do uniforme que eu tirei do  
embrulho. [*Avança e, examinando as moças, reconhe-  
ce Querubino. Arranca-lhe o toucado de mulher, o que  
faz com que seus longos cabelos trançados caiam. Põe-  
lhe o chapéu militar e diz.*] Quero ser mico se não é o  
nosso oficial!

A CONDESSA [*Recua.*] – Céus!!

SUSANA – Mas que peste!

ANTÔNIO – Eu não falei que era ele?

O CONDE [*Furioso.*] – Então, minha senhora?

A CONDESSA – Então, meu senhor? O senhor me vê mais  
espantada do que o senhor mesmo, e possivelmente ain-  
da mais zangada!

O CONDE – Sem dúvida; mas ainda agora de manhã?

A CONDESSA – Eu seria culpada, realmente, se continuasse  
a dissimular. Ele veio até o meu apartamento. Estáva-  
mos preparando a brincadeira que essas crianças aca-  
bam de realizar; o senhor nos surpreendeu quando o

vestíamos: sua primeira entrada foi tão... viva! Ele fugiu, eu fiquei perturbada; e a confusão geral encareceu-se do resto.

O CONDE [*Com desprezo, a Querubino.*] – Por que razão o senhor não partiu?

QUERUBINO [*Tirando o chapéu bruscamente.*] – Senhor Conde...

O CONDE – Sua desobediência será punida.

FANCHETE [*Tontamente.*] – Ah, meu senhor, escute só! Todas as vezes que o senhor vem me beijar, o senhor sempre diz: “Se você gostar de mim, Fanchetinha, eu lhe darei tudo o que quiser”...

O CONDE [*Enrubescendo.*] – Eu? Eu disse isso?

FANCHETE – Sim, senhor. Em lugar de punir Querubino, dê ele para mim de casamento, que eu vou gostar do senhor para o resto da vida!

O CONDE [*À parte.*] – Ficar enfeitada por um pajem!

A CONDESSA – Muito bem, senhor Conde, agora é a sua vez! As palavras desta criança, tão sinceras quanto as minhas, atestam pelo menos duas verdades: que foi sempre sem querer que eu lhe causei inquietações, enquanto o senhor trabalhou arduamente para aumentar e justificar as minhas.

ANTÔNIO – Mas o senhor também, meu senhor? Nossa Senhora! Eu juro que vou remendar ela, como a finada mãe dela, que está morta... Não é pelas conseqüências, mas é que a madame sabe muito bem que as meninazinhas, quando crescem...

O CONDE [*Desconcertado, à parte.*] – Há um gênio do mal que faz tudo por aqui se voltar contra mim.

## CENA VI

[*As moças, Querubino, Antônio, Figaro, o Conde, a Condessa e Susana.*]

FIGARO – Senhor, se o senhor prende as moças aqui, não podemos começar nem a festa nem as danças.

O CONDE – Você, dançar? Mas nem pensar. Depois de sua queda de hoje de manhã que o fez torcer o pé direito!

FIGARO [*Girando na perna.*] – Ainda dói um pouco; mas não é nada. [*Às moças.*] Vamos, minhas belezas, vamos!

O CONDE [*Fazendo-o voltar-se.*] – Você teve muita sorte daqueles canteiros só terem terra muito fofa!

FIGARO – Muita sorte, é claro. De outro modo...

ANTÔNIO [*Girando-o para si.*] – E além disso ele se empenhou até cair cá embaixo.

FIGARO – Pois é, enquanto que qualquer outro, mais ágil, teria ficado no ar, não é? [*Às moças.*] As senhoritas já vêm?

ANTÔNIO [*Fazendo-o voltar-se.*] – E enquanto isso o pequeno pajem galopava para Sevilha no cavalo dele?

FIGARO – Galopava, ou ia a passo...

O CONDE [*Girando-o.*] – É a patente dele estava no seu bolso?

FIGARO [*Um pouco surpreendido*] – Isso mesmo; mas para que esse interrogatório? [*Às moças.*] Vamos, vamos, minhas filhas.

ANTÔNIO [*Puxando Querubino pelo braço.*] – Pois este aqui quer nos convencer de que meu futuro sobrinho não passa de um mentiroso.

FIGARO [*Surpreendido.*] – Querubino! [*À parte.*] Mas que desgraçado!

ANTÔNIO – Agora percebeu?

FIGARO – Percebi... percebi... o que é que ele está cantando?

O CONDE – Ele não está cantando nada. Ele está dizendo que foi ele quem pulou em cima do canteiro.

FÍGARO [*Pensando.*] – Bom, se ele disse, é possível. Eu não discuto assuntos que desconheço.

O CONDE – Quer dizer que você e ele...

FÍGARO – E por que não? A moda de saltar pode pegar; não se lembra da história da primeira pomba?... E quando o senhor está zangado, não há quem não prefira se ariscar...

O CONDE – Como? Dois ao mesmo tempo?

FÍGARO – Podiam ter sido duas dúzias. E que importância tem isso, meu senhor, já que ninguém se machucou?

[*Às moças.*] Como é, vocês querem ir ou não querem??  
O CONDE [*Indignado.*] – Será que estamos representando uma comédia?

[*Ouve-se um prelúdio de fanfarras.*]

FÍGARO – É o sinal para a marcha. A postos, belezas! Vamos, Susana, dê-me o seu braço. [*Fogem todos – Querubino fica só, de cabeça baixa.*]

## CENA VII

[*Querubino, o Conde, a Condessa.*]

O CONDE [*Vendo Fígaro sair.*] – Será que há alguém mais audacioso? [*Ao pajem.*] Quanto ao senhor, seu sonso, que fica aí bancando o envergonhado, trate de ir já mudar de roupa, e que eu não o encontre em lugar algum durante toda a noite.

A CONDESSA – Ele vai se aborrecer tanto...

QUERUBINO [*Tontamente.*] – Aborrecer-me! Eu levo em minha testa uma felicidade que bastaria para cem anos de prisão. [*Põe o chapéu e foge.*]

## CENA VIII

[*O Conde e a Condessa.*]

O CONDE – O que é que ele tem de tão feliz na testa?

A CONDESSA [*Abana-se fortemente, um tanto embaraçada.*] – Seu... primeiro chapéu de oficial, sem dúvida; criança se diverte com tudo! [*Quer sair.*]

O CONDE – A senhora não fica, Condessa?

A CONDESSA – O senhor sabe que não estou me sentindo bem.

O CONDE – Fique um instante pela sua protegida; de outro modo, julgarei que está zangada.

A CONDESSA – Aí vem os dois casais. Sentemo-nos para recebê-los.

O CONDE [*À parte.*] – O casal! É preciso suportar o que não podemos evitar!

[*O Conde e a Condessa sentam-se perto de um dos lados da galeria.*]

## CENA IX

[*O Conde, a Condessa sentados. Toca-se "As Loucuras da Espanha".*]

*Os guardas-caças de fuzil ao ombro. O aguazil, os advogados, Rico-Pato, os camponeses e camponesas em trajes de festa. Duas moças carregando a grinalda da noiva com plumas brancas. Duas outras carregando o véu. Duas outras com as luvas e o buquê. Antônio dá a mão a Susana, como sendo quem dá a noiva em casamento a Fígaro. Outras moças carregam outra grinalda, outro véu e outro buquê, semelhante. Fígaro dá a mão a Marcelina, sendo quem deve dá-la ao doutor; o qual fecha a fila, com um*

grande buquê de um lado. As moças, ao passarem junto à Condessa, entregam a seus criados tudo o que se destina a Susana e Marcelina. Os camponeses e camponesas, que se arrumam em duas colunas, a cada lado, dançam um fandango com suas castanholas; depois toca-se o ritornelo do dueto, durante o qual Antônio conduz Susana ao Conde; ela se ajoelha diante dele. Enquanto o Conde lhe coloca a grinalda, o véu e lhe dá o buquê, duas moças cantam o seguinte dueto:

A jovem noiva canta a generosa glória  
Do senhor que seu direito a ela abdicou  
Preferindo ao prazer a mais bela vitória,  
Pura e casta ao carinho do noivo a entregou.

Susana está ajoelhada, e durante o último verso do dueto ela puxa o Conde pela sobrecasaca e lhe mostra o bilhete que segura; depois leva a mão do lado do público à cabeça, quando o Conde faz que está arrumando a grinalda, e lhe entrega o bilhete. O Conde o mete furtivamente no peito. Termina o dueto; a noiva levanta-se e lhe faz uma profunda reverência. Figaro vem recebê-la das mãos do Conde e retira-se com ela para o outro lado do salão, perto de Marcelina. Dança-se uma reprise do fandango durante esse tempo. O Conde, com pressa de ler o que recebeu, avança para a ribalta e tira do peito o papel, mas, ao fazê-lo, faz o gesto de quem se espetou violentamente no dedo; sacode-o, aperta-o, chupa-o, e olhando o papel selado com um alfinete diz:]

O CONDE [Durante sua fala como a de Figaro, a orquestra toca pianíssimo.] – Diabos levem as mulheres que me tem alfinetes em tudo! [Joga o alfinete no chão, depois lê o bilhete e o beija.]

FIGARO [Que viu tudo, diz à sua mãe e à Susana.] – É um bilhete de amor que alguma das moças meteu-lhe na mão ao passar. Estava selado com um alfinete e ele se espetou com vontade.

[A dança recomeça. O Conde, que já leu o bilhete, vira-o e vê o pedido da devolução do alfinete como resposta. Procura-o no chão, encontra-o finalmente, e prende-o à sua manga.]

FIGARO [A Susana e Marcelina.] – Tudo que pertence a quem se ama é precioso. Vejam só como ele foi pegar o alfinete. Que loucura!

[Durante esse tempo Susana faz sinais de entendimento com a Condessa. A dança termina. Recomeça o ritornelo do dueto. Figaro conduz Marcelina ao Conde, assim como foi conduzida Susana. No momento em que o Conde pega a grinalda e o dueto vai ser cantado, a ação é interrompida pelos seguintes gritos:]

GUARDA [Gritando na porta.] – Parem, senhores, não podem entrar todos... Guardas! Guardas! Aqui! [Os guardas se dirigem rápidos para aquela porta.]

O CONDE [Levantando-se.] – O que é que há?

GUARDA – Senhor Conde, é o senhor Basílio seguido de toda a aldeia, porque canta enquanto caminha.

O CONDE – Que ele entre sozinho.

A CONDESSA – Permita que eu me retire.

O CONDE – Não esquecerei a sua gentileza.

A CONDESSA – Susana!... ela volta já. [À parte, à Susana.] Vamos trocar os nossos vestidos. [Sai com Susana.]

MARCELINA – Esse aí só aparece para criar complicações. FIGARO – Eu me encarrogo de fazê-lo desistir da senhora.

## CENA X

[*Todos os precedentes menos a Condessa e Susana. Basílio, carregando sua guitarra, Girassol. Basílio entra cantando a música do vaudeville final.*]

BASÍLIO – Ó corações sensíveis e fiéis

Que condenais quem ama por amar.

Cessai as vossas críticas cruéis:

Será um criminoso quem mudar?

Dizei-me, pois, se o amor tem asas,

Não será para esvoaçar?

Não será para esvoaçar?

Não será para esvoaçar?

FIGARO [Avançando para ele.] – Isso. É exatamente para isso que ele tem asas nas costas. E o que o nosso amigo quer dizer com essa canção?

BASÍLIO [Indicando Girassol.] – Que depois de haver servido o senhor Conde, divertindo aqui este senhor, que é um de seus convidados, eu também tenho o direito de clamar por sua justiça.

O CONDE – Mas o que o senhor deseja, Basílio?

BASÍLIO – Aquilo que me pertence, meu senhor, a mão de Marcelina, e venho para me opor...

FIGARO [Aproximando-se.] – Faz muito tempo que o senhor não vê um louco?

BASÍLIO – Estou vendo um neste momento.

FIGARO – Pois já que meus olhos lhe servem tão bem de espelho, procure estudar neles os efeitos da minha previsão. Se o senhor fizer o menor gesto para se aproximar desta senhora...

BASÍLIO [Rindo.] – E por quê? Deixe-o falar.

RICO-PATO [Avançando entre os dois.] – Mas será preciso que dois amigos...

FIGARO – Nós? Amigos?

BASÍLIO – Que ilusão!

FIGARO [Rápido.] – Só porque ele compõe umas músicas sacras insuportáveis?

BASÍLIO [Rápido.] – E ele uns versos de pé quebrado?

FIGARO [Rápido.] – Um músico de meia-tijela!

BASÍLIO [Rápido.] – Um leva-e-traz de intrigas!

FIGARO [Rápido.] – Um pernóstico de sacristia!

BASÍLIO [Rápido.] – Jóquei diplomático!

O CONDE [Sentado.] – Um par de insolentes!

BASÍLIO – Que sempre me falta com o respeito.

FIGARO – Seria verdade se fosse possível.

BASÍLIO – Que diz a todos que eu não passo de um tolo.

FIGARO – O senhor me acha com cara de eco?

BASÍLIO – Enquanto não há um cantor que o meu talento não tenha feito brilhar.

FIGARO – Berrar!

BASÍLIO – E ainda insiste!

FIGARO – E por que não, se é verdade? Você por acaso é algum príncipe, para ser paparicado? Trate de aturar a verdade, seu canalha, já que você não tem meios de recompensar o mentiroso, e se tem medo de ouvi-la de nossa parte, por que é que se mete a perturbar nosso casamento?

BASÍLIO [À Marcelina.] – A senhora me prometeu ou não que se não estivesse arranjada dentro de quatro anos daria a mim sua preferência?

MARCELINA – Em que condições eu o prometi?

BASÍLIO – Na de que se a senhora houvesse encontrado um certo filho desaparecido eu concordaria em adoptá-lo.

TODOS – E encontrou!

BASÍLIO – Isso não altera nada!

TODOS [Apontando Figaro.] – É ele!



BASÍLIO [*Recuando de susto.*] – Estou vendo o diabo!

RICO-PATO [*A Basílio.*] – E nesse caso o se-senhor renuncia à sua querida mãe?

BASÍLIO – O que pode haver de mais aborrecido do que ser chamado de pai de um crápula?

FÍGARO – Ser chamado de filho de um crápula; você está brincando comigo?

BASÍLIO [*Apontando Fígaro.*] – Já que este senhor parece ter certa importância neste lugar, eu declaro que nele eu não serei mais nada. [*Sai.*]

## CENA XI

[*Os precedentes menos Basílio.*]

BARTOLO [*Rindo.*] – Ah, ah, ah, ah!

FÍGARO [*Saltando e alegre.*] – Bom, parece que afinal vou ter minha mulher!

O CONDE [*À parte.*] – E eu minha amante!

RICO-PATO [*À Marcelina.*] – E to-todo mundo está satisfeito.

O CONDE – Que sejam preparados os dois contratos. Eu os assinarei.

TODOS – Viva!! [*Saem.*]

O CONDE – Sinto necessidade de uma hora de descanso. [*Quer sair com os outros.*]

## CENA XII

[*Girassol, Fígaro, Marcelina e o Conde.*]

GIRASSOL [*A Fígaro.*] – Pois eu vou arrumar os fogos de artifício embaixo dos castanheiros, como me mandaram.

O CONDE [*Volta correndo.*] – Quem foi que deu essa ordem?

FÍGARO – O que é que há de mal?

O CONDE [*Vivamente.*] – E a Condessa que está indisposta, de onde é que ela há de ver os fogos? É preciso fazê-lo no terraço, em frente aos seus aposentos.

FÍGARO – Compreendeu, Girassol? No terraço.

O CONDE – Embaixo dos castanheiros, que idéia! [*Saindo, à parte.*] Iam tocar fogo no meu encontro.

## CENA XIII

[*Fígaro e Marcelina.*]

FÍGARO – Mas quanta atenção com a mulher! [*Quer sair.*]

MARCELINA [*Retendo-o.*] – Duas palavras, meu filho. Eu quero acertar contas com você: um sentimento mal dirigido me havia tornado injusta para com a sua noiva encantadora; eu supunha que ela estava de acordo com o Conde, muito embora soubesse por Basílio que ela sempre o havia recusado.

FÍGARO – A senhora conhece mal seu filho, se o crê de se deixar abalar por essas intuições femininas. Eu desafio até mesmo a mais astuciosa de me fazer duvidar.

MARCELINA – É uma felicidade pensar assim, meu filho: o ciúme...

FÍGARO – ...não passa de um tolo filho do orgulho ou então da doença de um louco. Ora, mãe, eu a esse respeito tenho uma filosofia... inabalável; e se Susana me enganar algum dia, já está perdoada com antecedência; pois terá trabalhado muito para... [*Ele se volta e vê Fauchete que procura alguma coisa em toda parte.*]

## CENA XIV

[*Fígaro, Marcelina e Fanchete.*]

FÍGARO – Hummm... a minha priminha nos escuta!

FANCHETE – Eu não; me disseram que isso não se faz...

FÍGARO – É verdade, mas como é muito útil, às vezes a gente faz assim um pouco sem querer...

FANCHETE – Eu estava procurando alguém.

FÍGARO – Mas como a nossa espartalhona já sabe fingir!

Você sabe muito bem que ele não podia estar aqui.

FANCHETE – Quem?

FÍGARO – Querubino.

FANCHETE – Não era ele quem eu estava procurando; eu sei muito bem onde ele está. Era a minha prima Susana.

FÍGARO – E o que é que a minha priminha queria com ela?

FANCHETE – A você, meu priminho, eu conto... Era só um alfinete que eu queria entregar a ela.

FÍGARO [*Vivamente.*] – Um alfinete! Um alfinete!... e da parte de quem, sua sapeca? Então na sua idade você já faz esse offi... [*Controla-se e diz muito docemente.*] você já sabe fazer muito bem o que mandam, apesar de sua idade, Fanchete; e a minha priminha é tão prestativa... FANCHETE – Por que é que ele há de ficar zangado? Eu vou-me embora.

FÍGARO [*Retendo-a.*] – Não, eu estava brincando. Eu sei; o seu alfinetinho é o que o senhor Conde mandou você entregar à Susana, e que servia para selar um papelzinho que ele estava segurando. Viu como eu já sabia de tudo?

FANCHETE – Se sabia tudo tão bem, então para que me perguntou?

FÍGARO [*Buscando.*] – É que é divertido descobrir como o senhor Conde fez para pedir que você fizesse isso para ele.

FANCHETE [*Ingênua.*] – Igualzinho ao que você falou: “Toma aqui, Fanchetinha, entregue este alfinete à sua bela prima e diga-lhe apenas que é o timbre dos grandes castanheiros”.

FÍGARO – Dos grandes...

FANCHETE – “castanheiros”. E ainda disse mais: “Cuidado para que ninguém a veja”.

FÍGARO – É preciso obedecer, priminha; felizmente ninguém a viu. E faça muito direitinho o que ele mandou; e só diga à Susana o que o senhor Conde mandou.

FANCHETE – E por que é que eu havia de inventar? Ele acha que eu sou uma criança, meu primo.

## CENA XV

[*Fígaro e Marcelina.*]

FÍGARO – Então, minha Mãe?

MARCELINA – Então, meu filho?

FÍGARO [*Como que sufocado.*] – E essa agora!... realmente acontece cada uma!...

MARCELINA – Cada uma? O que é que aconteceu?

FÍGARO [*Com as mãos no peito.*] – O que ela contou foi como se eu tivesse levado um soco no estômago.

MARCELINA [*Rindo.*] – Quer dizer que toda aquela segurança do seu coração não passava de um balão inchado? Bastou um alfinete para destruí-lo!

FÍGARO [*Furioso.*] – Mas o alfinete, minha mãe, é o que ele apanhou!

MARCELINA [*Recordando o que ele disse antes.*] – “O ciúme! Ora mãe, a esse respeito eu tenho uma filosofia... inabalável; e se Susana algum dia me enganar, eu a perdôo...”

FIGARO [*Vivamente.*] – Ora, minha mãe, a gente fala como sente; o mais frígido dos juízes defende sua própria causa para vermos como muda a interpretação da lei! Não me espanta que ele tenha ficado tão preocupado com os fogos. Mas a finóvia dona dos alfinetes não está tão bem arranjada quanto pensa, com seus castanheiros! Eu já estou suficientemente casado para ter todo o direito de ficar furioso, mas não tanto que eu não possa casar com outra e abandoná-la...

MARCELINA – Bravo!! Vamos destruir tudo só por causa de uma suspeita! E que é que já provou que ela não está enganando o Conde, e não a você? Você já pensou tudo tão bem assim, para Condená-la sem apelação? Você sabe se ela pretende ir ao encontro? Ou com que intenção irá? O que ela dirá ou fará ali? Eu pensava que você julgava com um pouco mais de responsabilidade.

FIGARO [*Beijando-lhe as mãos num transporte.*] – A senhora tem razão, tem toda a razão, sempre tem razão! Mas a natureza exige certas concessões, mamãe! Mas cedendo à natureza, mamãe, nós sempre acabamos melhores. É preciso examinar objetivamente os fatos antes de acusar ou de agir. Eu sei onde é o encontro. Adeus, minha mãe.

## CENA XVI

[*Marcelina sozinha.*]

MARCELINA – Adeus. E eu também sei. Depois de acalmá-lo, é preciso velar pelos caminhos de Susana; ou talvez seja melhor avisá-la. Ela é tão boa! Ah, quando o interesse pessoal não nos instiga umas contra as outras, é de nossa obrigação defender o nosso pobre sexo opri-

mido contra o masculino, que é violento, terrível....  
[*Ri.*] e, apesar disso, um pouco tolo. [*Sai.*]